4

Nem Dentro Nem Fora

Como num encontro amoroso: o que define o Encontro? A Esperança. Do encontro com alguns textos lidos, nasce a esperança de escrever.

Roland Barthes

Esta minha leitura da obra *Da clausura do fora ao fora da clausura*, de Peter Pál Pelbart, constituiu um diferencial intensivo na passagem do prazer de ler à decisão de escrever. O encontro com essa obra tornou-se um dos dispositivos para pensar esta dissertação, por estar focada na questão da *desrazão* e sua relação seja com a loucura, seja com a razão. O eixo comum encontrado por Pelbart para pensar essas relações foi a noção do *fora*, enquanto *jogo selvagem das forças*. Este conceito de *fora* foi chamado de *neutro* em Blanchot, de *terrível* em Nietzsche. Trata-se da abertura à turbulência, que pode se manifestar no domínio da experiência cotidiana, do pensamento, da arte, da linguagem, quando expostos à sedução do acaso, da ruína, da força e do desconhecido.

A relação com o neutro é “alheia às exigências de unidade e identidade e até de presença”. O neutro é o que está fora da “minha” consciência, do “meu” eu, do “meu” espaço, do “meu” tempo, da “minha” fala. (...) A teoria do neutro ou do fora refere-se não à apreensão sensível ou inteligível do sujeito, mas à dissolução do sujeito sob a égide de uma radical estranheza. (BRUNO: 2008, p.142)

A *desrazão* remete ao *fora* tanto quanto a loucura o enclausura. O que se pretende nesta dissertação não é fazer falar a loucura, mas a *desrazão* ou o *pensamento do fora*. Sabe-se que Stela do Patrocínio passou a maior parte de sua vida internada em instituições psiquiátricas com diagnóstico de esquizofrenia hebefênica. Lembro-me aqui de Jaspers, para quem a esquizofrenia se constitui a partir da existência de dois componentes: o primeiro deles é visto como uma espécie de *intrusão*, a chegada de algo maravilhoso, terrível ou fantástico, porém tão intenso que não consegue nem mesmo encontrar expressão. Algo de

formidável a tal ponto que é quase indizível, algo tão reprimido em nossas sociedades que corre o risco de coincidir com o segundo componente: o *desabamento*. Quando a *intrusão* se dá com tal intensidade que leva à inação, à imobilidade, ao isolamento, à impossibilidade de comunicação, reconhecemos então o esquizofrênico autista, o catatônico, aquele que experienciou a coincidência destes dois componentes.

Sendo a esquizofrenia uma experiência involuntária, surpreendente e extremamente aguda nas intensidades e trânsito entre intensidades, arriscaria dizer que Stela, embora esquizofrênica, escapou ao *desabamento*, pois encontrou passagens naquele território que vai da loucura à razão e abriu-se ao desvario, à *desrazão*. Ela soube, como escreveu Van Gogh, “minar o muro (...), atravessá-lo com uma lima, lentamente e com paciência”, e não *desabou* (DELEUZE, 2008: 303). Nela, o segundo componente não coincidiu com o primeiro. Equilibrou-se na desrazão, sem sucumbir à loucura.

Ela parecia capaz de se organizar neste limite entre a ordem e a ausência de ordem. Sua palavra é capaz de se manter sem se sustentar, necessariamente, nos limites subjetivos, gramaticais e lógicos (...).

Ousaria dizer que Stela se sustentava em uma ordem delirante, uma ordenação móvel, fundada na afirmação de sua própria fragmentação. (MOSÉ. In: PATROCÍNIO: 2001, p. 24).

Tal ordenação móvel pode ser percebida, não apenas em suas falas, mas também em sua própria “política literária” relativa à divulgação de seu *trabalho*, tal como se nota em narração de Denise Corrêa a respeito de um biografema de Stela:

Lembro-me de Stela circulando pelo galpão onde eram realizadas as primeiras atividades do projeto de Livre Criação Artística fazendo comentários em forma de versos. Lembro-me também de vê-la nos jardins do estacionamento do Núcleo conversando com Carla e os outros artistas da equipe. Nestes momentos Carla, com o consentimento de Stela, gravava os seus versos. (CORRÊA: entrevista em anexo).

Nesse sentido Stela é uma *pensadora do fora*, sem ter se deixado enclausurar seja pela loucura, seja pela razão. O *pensador do fora* mantém

contato com a desrazão mas não é louco, é aquele que leva seu pensamento ao desatino.

Retornando à questão da obra de Pelbart, queremos mencionar a referência que ele faz, ainda na apresentação do livro, ao crítico de arte e psiquiatra Jean Starobinski, o qual defendeu – numa entrevista cuja temática era “As razões da loucura” – a idéia de que só é possível abordar a loucura a partir de dois enfoques excludentes: o clínico e o cultural. Ou seja, fora do âmbito da psiquiatria, qualquer outro discurso sobre a loucura seria “mera literatura”, o que reforçaria a exclusão de outros saberes em detrimento da psiquiatria, da hegemonia clínica já consolidada. Não posso entretanto aceitar esse binômio *clínico* versus *cultural* por entender que nada é mais *cultural* do que o pretense saber *clínico*, saber histórica e socialmente construído, transformado, questionado, e em constante processo.

Também Pelbart se distancia dessa polaridade, dessa dicotomia mencionada por Starobinski, porém por outro viés, trazendo à superfície aspectos obscuros do universo da loucura, apontando as diferenças entre *desrazão* e loucura. Ele questiona as implicações que o ocultamento dessas disjunções provocaram, sobretudo em relação à imposição de uma tendência quase consensual na modernidade: expor o pensamento à *desrazão* seria necessariamente passar para o plano da loucura, reduzindo a uma questão de saúde mental a *singularidade desarrazoada* e fazendo a razão refluir em direção à sua “insularidade paranóica”, nas palavras do próprio Pelbart.

Na esteira do pensamento de Foucault, o mapeamento feito por Pelbart abre a loucura à sua pluralidade, apresenta-a nas suas diversas formas de experiência e de sentido. Relaciona a *desrazão* com Platão, representante do pensamento grego, e a *loucura* com Hegel, expoente da filosofia da Europa *alienista*.

Pelbart aponta o pensamento de Hegel sobre a loucura como uma via para esclarecer e compreender o *alienismo*. O que o *alienismo* do século XIX defendia era a possibilidade de curar a loucura. Quando a fenda constitutiva do homem foi detectada como o âmago da loucura a ciência psiquiátrica achou-se no direito de intervir e agir sobre a totalidade do ser louco. A partir daí uma nova configuração se estabeleceu – a dos excluídos, “que significou o fim de um *fora* simbólico e sua transformação num *fora* concreto e enclausurado, por exemplo, com o

confinamento efetivo dos loucos”, no dizer de Pelbart (1989, p. 54). As figuras da alteridade – o louco, o surdo-mudo, o cego, o anão, o estropeado e os desgraçados – perderam sua estranheza, foram reconduzidos à identidade universal do humano, porém a um preço alto: o seu confinamento. A loucura era pensada como uma esfera interior à razão, contraditória e submissa a ela, tornando-se desta forma refém da razão, impossibilitada de comunicação: uma palavra sem vez.

O sujeito para Hegel é reflexivo, tem uma capacidade de organizar-se em sua totalidade, tem um controle total sobre si mesmo. Quando qualquer um dos sentimentos chamados por Hegel de “determinações egoísticas do coração” – como o orgulho, a paixão, a imaginação, o amor, o ódio e outros – escapa a essa instância maior ordenadora que os deveria dominar e passa a se fixar em si mesmo, impossibilitado de se integrar ao todo, aí então se dá o rompimento dessa totalidade sistematizada, a consciência perde o controle dessa totalidade, perda a que se chamou *loucura*. Desse modo a loucura não pode ser considerada como ausência de razão, nem seu contrário, mas o Outro da razão, ou seja, constitutivo do próprio homem, um Outro que é interior à razão. O que acontece no estado de loucura é uma *contradição* entre a consciência da totalidade ordenada do seu mundo individual e a perda do controle sobre essa totalidade por parte da consciência. A loucura é vista como natural e até mesmo necessária, só se pode ser louco porque se é racional. Mais que isso, a loucura é um privilégio pois, pela linguagem, o homem pode atribuir-se o que não tem, ser o que não é, fazer o que não faz.

O que faz com que eu possa me fixar numa representação particular inconciliável com minha realidade concreta é que eu sou antes um eu completamente abstrato e indeterminado, e que, como tal, posso admitir um conteúdo arbitrário e me forjar representações as mais vazias, me tomar por um cão por exemplo, ou imaginar que eu posso voar, porque há suficiente espaço diante de mim para voar, ou porque há outros seres vivos que voam. (Hegel, apud PELBART, 1989: 51).

Pelbart observa que, para Hegel, o critério para medir a loucura não é a insensatez do discurso, mas o grau de conflito interior que gera essa insensatez: quanto mais afastado de sua loucura, quanto mais em guerra com ela, mais louco se é, diferente daquele doente que se torna completamente absorvido por sua

doença, que coincide consigo mesmo em sua demência – o idiota, o prisioneiro do *id*, o que não sai de si.

Entre os gregos, entretanto, as inúmeras formas de desatino co-habitavam com o homem, situavam-se em sua vizinhança. O desatinado não era reconhecido enquanto o *Outro humano*, o Outro do homem, mas tão somente enquanto o *Outro*, era exterior ao *logos*, um *além da razão*. Portanto, aos olhos da razão, a antiguidade grega abria um espaço que tornava possível a experiência de loucura, uma liberdade e uma proximidade física eram permitidas e isto possibilitava uma convivência, uma forma defectiva de “comunicação”. Não sendo o *outro humano*, não amedrontava nem ameaçava o homem, não era o *contrário* da razão. Em Platão, a loucura – ou antes a *mania* grega, nas suas diversas manifestações – teria sido experimentada num modo de proximidade e distância que o século XIX aboliu e inverteu. Paradoxalmente, os *desatinados* na Grécia – absolutamente distantes do humano – estavam mais próximos, mais livres e eram mais respeitados do que os *loucos* do século XIX – quando estes eram reconhecidos enquanto *humanos*, como o Outro do homem, e no entanto acabavam dominados, confinados em instituições psiquiátricas e regidos pelos senhores da razão.

Usando a terminologia de Pelbart, enquanto a *desrazão se define como* um espaço de liberdade, a loucura se corresponde a uma forma de enclausuramento: a clausura do *fora*. É a resultante do salto da turbulência para o turbilhão, onde a *desrazão* é cooptada pela loucura. A loucura é um modo de se expor ao *fora* na sua forma mais radical.

Como localizar a *fala desatinada* de Stela neste universo conceitual? Abre-se aqui a possibilidade de se construir um lugar de passagem, de vertigem, em que fosse possível pensar perto da loucura o suficiente para desenclausurá-la, sem se deixar sucumbir, sem ser seduzido por ela; e fora da loucura apenas o bastante para não permitir que esse *fora* ocupasse o lugar da *razão*. Avizinhar-se da *desrazão* torna-se aqui uma necessidade, essencial para que o pensamento seja um pensamento vital, sem mediação, superação ou totalização, mas um pensamento que permita desterritorialização, que abra linhas de fuga por onde entrem correntes de ar. As falas de Stela situadas nesse seu vetor – *desrazão* – estão atravessadas por turbulências, às vezes mais discretas, às vezes mais vertiginosas, abertas ao fascínio do desconhecido, do acaso, da ruína, da força. É nesse lugar que elas [as falas] se sustentam e é aí que ganham potência poética; à medida que

constroem a subjetividade de quem as profere, vão produzindo conhecimento. Esta potência poética foi percebida, de modo intenso, pela atriz e diretora teatral Clarisse Baptista, em 1997, em seu primeiro contato com os textos-fala de Stela:

Falava de coisas complicadas de uma forma simples e rápida. Parecia sem sentido, mas eu encontrava sentido em tudo o que lia (...). E achei lindo, poético, forte. (BAPTISTA: Entrevista em anexo).

Pensar as falas de Stela nesta esfera é pensar a partir da diluição das fronteiras estabelecidas entre a razão e a loucura. Suas falas – às quais vou me referir doravante como *texto* – são uma experiência-limite, um falar-saber, um modo que o homem possui de tocar seus limites, de forçá-los até o intransponível, de aproximar-se daquilo que mais se distancia dele. Seu *texto* corresponde a um pensamento que se abriu à experiência com o *fora* sem se deixar aprisionar aí:

Grande parte dos pacientes tende a ter um comportamento infantilizado, catatônico e/ou extremamente carente... Com a Stela era diferente... Seu olhar enxergava algo além, sua atitude em relação à instituição hospitalar, e à condição com que o paciente psiquiátrico é visto e tratado, era mais crítica e reflexiva, ao mesmo tempo muito poética, até mesmo trágica. Sua fala tantas vezes confirmava o que tantos filósofos, poetas e pensadores dissertaram a respeito da loucura. Era realmente impressionante. (GUAGLIARDI, entrevista em anexo).

Trata-se de um pensamento exterior à loucura e ao mesmo tempo exterior à razão, situando-se no único espaço capaz de abrir-se à *desrazão*: sem referência antitética à razão.

Stela parece saber que sua saúde não se confunde com o discurso institucional da razão psiquiátrica:

Eu estava com saúde
 Adoeci
 Eu não ia adoecer sozinha não
 Mas eu estava com saúde
 Estava com muita saúde
 Me adoeceram
 Me internaram no hospital
 E me deixaram internada
 E agora eu vivo no hospital como doente

O hospital parece uma casa
 O hospital é um hospital

(PATROCÍNIO: 2001, p. 51)

Stela cria um modo de vazar os contornos fechados, impostos pela soberania da razão, um modo de forçá-los, explorá-los, ultrapassar os limites. Só assim é possível à desrazão transformar-se em *pensamento*, não o pensamento-faculdade, mas o pensamento como uma abertura em relação – ou em direção – ao *fora*.

Meu passado foi um passado de areia
Em mar de Copacabana
Cachoeira de Paulo Afonso
Bem dentro da Lagoa Rodrigo de Freitas
No Rio de Janeiro

O futuro eu queria
Ser feliz
E encontrar a felicidade sempre
E não perder nunca o gosto de estar gostando

O que eu penso em fazer da minha vida
É encontrar a felicidade, ser feliz
Ficar gostando e não perder o gosto
Ser feliz
Encontrar a felicidade
E não perder o gosto de estar gostando

(PATROCÍNIO: 2001, p.73)